

Editorial

DOSSIÊ AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL E NA ARGENTINA

No atual período histórico, caracterizado pela forte internacionalização e financeirização do modo de produção capitalista, importantes transformações de ordem técnica, política e econômica têm promovido intensa reestruturação produtiva do setor agropecuário na América do Sul. Com seu funcionamento cada vez mais regulado pela economia de mercado globalizada - liderada por demandas urbanas e industriais - o setor tem se conformado, no marco das cadeias globais de valor, pela padronização dos seus produtos, sejam eles destinados ao consumo humano (açúcares, óleos, cereais, carnes, frutas tropicais), à nutrição animal (grãos) ou ao uso como matérias-primas para outros ramos industriais (energias renováveis, “química verde” etc.).

As corporações multinacionais associadas ao capital industrial e financeiro lideram e se apropriam de tais processos como atores essenciais das novas redes de governança global que determinam como e o quê se produz no campo. Em decorrência, a realidade do campo muda rapidamente nos espaços de implementação e de difusão do agronegócio: seus agentes se renovam, provocando a exclusão dos mais vulneráveis; suas paisagens são marcadas do ponto de vista agrário pelos efeitos do maior tamanho das parcelas agrícolas, da importante mecanização e da simplificação dos itinerários técnicos, contraponto de um intenso processo de urbanização. Dadas as práticas espaciais dos agentes do setor, que combinam mais movimentos entre o campo - lugar da produção física - e as cidades - lugares das relações institucionais e comerciais -, criam-se novas relações entre os espaços rurais e os centros urbanos, entre local e global, contribuindo para a transformação das dinâmicas socioespaciais até então vigentes.

O peso que o agronegócio adquiriu nas economias e nas sociedades da América do Sul, associado aos seus desdobramentos espaciais, contrasta com uma relativa escassez de trabalhos acadêmicos sobre os mesmos. A Geografia Agrária, como

campo histórico de peso da disciplina tradicionalmente voltada para estes assuntos, tem se destacado pela atenção dada aos pequenos produtores e às consequências muitas vezes desastrosas que o agronegócio gera na produção camponesa, no uso dos recursos locais e na vida rural.

Este número especial da Revista *GEOgraphia* adota um olhar mais diretamente focado sobre o agronegócio e sua dinâmica própria, com o intuito de produzir análises que explicam seus modos de atuação, sua forma de utilizar e organizar o espaço e seus impactos sobre o desenvolvimento dos territórios rurais. Consideramos que tais temáticas são complementares das precedentes, por trazerem à luz funcionamentos e processos ainda pouco estudados na Geografia Humana. Percebemos, ainda, que mais recentemente novos pesquisadores passam a se dedicar ao estudo deste setor, contribuindo para dar visibilidade e tornar inteligível o seu funcionamento.

Dessa forma, o presente número discute algumas dinâmicas mais recentes associadas ao agronegócio, às suas transformações internas e às mudanças socioespaciais que ele induz. O objetivo é estabelecer um diálogo em torno de resultados empíricos e de reflexões teóricas e metodológicas utilizadas para trabalhar a questão do agronegócio, focando em dois países nos quais suas marcas no espaço, na sociedade e na economia aumentaram particularmente nestes últimos anos: o Brasil e a Argentina.

O número pretende aprofundar, entre outros, os conceitos que permitem designar as realidades associadas aos atores do agronegócio; e a relação entre a difusão do agronegócio e o espaço vivido (tais como as novas espacialidades e práticas sociais no rural; a reestruturação territorial e as formas de urbanização da sociedade e do território). Da mesma forma, qualifica e caracteriza alguns dos processos associados ao agronegócio, como o da transformação da produção agrícola, da reestruturação produtiva, da transição agrária e o da acumulação por espoliação.

Este dossiê reúne sete artigos que poderíamos agrupar em três eixos temáticos, a saber: a reestruturação urbano-regional e desigualdades nas cidades do agronegócio, o uso corporativo do território e, por fim, a caracterização dos agentes do agronegócio e da sua atuação. São uma versão revisada de alguns dos textos que compuseram o *Simpósio Difusão do Agronegócio e Novas Dinâmicas Socioespaciais da América Latina*, do 55 Congresso Internacional de *Americanistas*, que ocorreu entre 12 e 17 de julho de 2015, em San Salvador, e o qual coordenamos.

O artigo que abre o dossiê trata da relação intrínseca entre a difusão do agronegócio e o acirramento da urbanização e das desigualdades socioespaciais na escala intraurbana, foco da análise também do segundo texto. Para demonstrar tal relação, Renato Pequeno e Denise Elias adotam a produção da moradia como variável-chave, por entenderem que a construção dos espaços residenciais permite

revelar os processos de fragmentação e segregação socioespacial característicos da estruturação das cidades brasileiras. Como objeto de análise eles têm as cidades Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, que juntas exercem centralidade urbana em ampla Região Produtiva do Agronegócio de grãos nos Cerrados nordestinos. À produção da mais importante commodity brasileira associa-se também o artigo de Danilo Volochko por estudar, na cidade de Nova Mutum (MT), a relação entre a dinâmica do campo modernizado pelo agronegócio e a produção do espaço urbano. Como no artigo anterior, o autor enfatiza particularmente a relação entre as lógicas adotadas pelo planejamento urbano e os interesses privados que influenciam o mercado fundiário.

Segue-se o texto de Samuel Frederico sobre a organização multiescalar e multiterritorial que os agentes do agronegócio desenham a partir de uma divisão do trabalho entre as *áreas do mandar* e as *áreas do fazer*, que materializam forças centrífugas- com a difusão da produção agrícola moderna em novas regiões especializadas - e forças centrípetas - com a concentração dos polos de comando em centros urbanos.

O quarto texto prossegue na busca por conceitos que permitam retratar os espaços produzidos pelo agronegócio, através da contribuição de Ricardo Castillo sobre a especialização produtiva das regiões dedicadas à produção de etanol e de açúcar. O autor toma os casos emblemáticos das mesorregiões do Sul Goiano e Sudoeste do Mato Grosso do Sul (Cerrado do Centro-Oeste) como forma de aprofundar o conceito de regiões competitivas agroindustriais, fazendo uma proposta metodológica para a sua identificação e caracterização.

Os três últimos artigos se dedicam a explicar as mudanças socioespaciais recentes associadas às inovações técnicas e organizacionais do agronegócio a partir do estudo dos seus agentes e das suas renovadas características. O artigo de Marta Inez Medeiros Marques aborda a expansão e a mundialização da indústria de papel e celulose no Brasil nas últimas décadas, a partir do estudo da trajetória histórica de uma das mais importantes empresas do ramo - a Suzano Papel e Celulose. O papel desempenhado pelo Estado, assim como as principais estratégias de territorialização da empresa constam como elementos importantes da análise. Em seguida, a busca de uma tipologia dos produtores de soja no Sudeste de Mato Grosso - que reúne alguns dos mais importantes municípios produtores deste grão no Brasil - é o foco principal do artigo de Valdemar João Wesz Junior. Conclui ser possível distinguir cinco diferentes perfis de sojicultores na região, mostrando a diversidade interna do agronegócio enquanto muitos trabalhos acadêmicos das ciências sociais e humanas o consideram sem maiores distinções - de forma holística e coesa. O dossiê finaliza com a evocação da evolução das principais cadeias de grãos na Argentina, que estão sendo integradas por organizações interprofissionais. Estes agentes, recentemente criados, contribuem para a difusão das inovações produtivas e técnicas e diferenciam o seu papel de acordo com a

origem geográfica da dominação exercida nos processos de desenvolvimento da cadeia de valor, podendo ser mais local ou mais global.

Além da seção **Artigos**, a seção **Nossos Clássicos** apresenta a tradução do texto *As aspirações regionalistas e a Geografia*, de Camille Vallaux, acompanhada pelo comentário do tradutor Willian Moraes Antunes de Sousa.

Em consonância com a temática privilegiada neste número, a seção **Indicações: Livros & Autores** focaliza cinco títulos que abordam as relações entre Território, Agricultura e Globalização. Na sequência, temos duas resenhas: a primeira, do livro *A invenção da Terra* de Franco Farinelli, elaborada por Licio Caetano do Rego Monteiro, e a segunda, do livro *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*, escrita por Daniel de Mello Sanfelici.

Desejamos a todos boa leitura e que os artigos possam inspirar outros pesquisadores acerca destes e de tantos outros temas que demandam ainda muita reflexão para que melhor se compreendam as economias, as sociedades e os territórios do agronegócio.

Denise Elias (Universidade Estadual do Ceará)
Eve Anne Bühler (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Martine Guibert (Universidade de Toulouse)